

## EDITORIAL

1. «A cada dia/ basta/ a sua pena// E/ o amanhã/ é/ como o arco-íris»: passou muito tempo sem termos *Estudos* connosco; e, no entanto, sobram-nos razões cristãs para regermos tempo e energia segundo os versos inspirados de *Sur la Croix* de Adília Lopes: «Deixa/ o dia de ontem/ com Deus//...// Um anjo/ está contigo/ quando desanimas.»

Atardada por factores adversos, mas também por enleamento directivo no confronto com a sua circunstância, a nossa revista a todos pede, neste limiar do relançamento, que adoptem, perante o desajuste entre bons intuitos e diferida realização, a sabedoria generosa de Santo Agostinho: *in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas*.

Este volume traz porventura indeléveis marcas da antinomia entre o desejo de trazer a lume quanto entretanto se escrevera e o cuidado de respeitar equilibrada economia no inadiável retorno. Mas, assim mesmo, dá prossecução ao projecto matricial de *Estudos* como revista cristã de cultura e abre caminho para uma renovação que responda também ao imperativo de intervenção na nossa conjuntura de crise, num esforço de verdade como bem público, por tempos em que a doutrina social da Igreja e o personalismo cristão ressaltam, mais uma vez, como chaves para preciosas alianças entre famílias ideológicas de responsabilidade reformista.

2. Vendo na cultura, a par de espíritos como Unamuno, a mais intensa vida interior para mais elevada presença no mundo, os *Estudos* perseguem, na contingência e nas vicissitudes dos nossos dias, esse programa de inquietação maior e ânsia melhor de participação na história da inacabada Criação, em espírito de Igreja militante, à voz de espíritos como o de Santa Teresa de Ávila: «Ya no durmais, no durmáis, / pues Dios falta de la tierra.

Para cada homem e cada movimento cristãos, a **cultura**, mormente em momentos de **crise**, encontra na **fé** testemunhada (pessoal e comunitária, graça íntima e compromisso público) uma «companheira de vida, que permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós» (*Porta Fidei*, nº 15) e nos propicia, por entre provações, a alegria irradiante do encontro sempre renovado com Cristo, a caminho de «novos céus e nova terra, onde habite a justiça».

Se entendemos a cultura como espírito crítico e criativo de perspectivas existenciais, se a vivemos como força revolucionária daquela «imaginação prospectiva» que Paulo VI mostrava capaz de entrever as possibilidades inscritas no presente e de orientar para futuro novo (*Octogesima adveniens*, nº 37), então é em tempos de crise que a cultura mais sustenta a nossa relação connosco mesmos, mais garante um chão comum de reconstituição identitária, mais preserva um espaço de respiração para a beleza alternativa e de disponibilidade para a busca de bens perenes.

Porém, como lembraram os nossos Bispos, «A superação da crise supõe [também] uma renovação cultural». Os *Estudos* perspectivam essa renovação cultural em ordem à superação da crise a partir da reassumpção dos valores fundamentais de dignidade da pessoa humana, condições existenciais para o exercício genuíno da liberdade, sentido do bem comum, *via pulchritudinis* para o Bem e a Verdade.

Crendo na legitimidade e na viabilidade de uma actualização cristã do ideal schilleriano de educação estética do ser humano, crendo nas dimensões antropológicas e cognitivas da relação com a arte, crendo no alcance libertador e formativo da arte que não pode ser reduzida a meio fruitivo de socialização massificadora (proposta de fé e «arte de proposta», como diria U. Eco, também nisso convivem), reavivamos uma e outra vez no nosso espírito as exortações que, a 12 de Maio de 2010, ao encontrar-se no Centro Cultural de Belém com os cultores do Pensamento, da Ciência e da Arte, Bento XVI lhes/nos dirigiu: «Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza.», «E não tenhais medo de vos confrontar com a fonte primeira e última da beleza»!

3. Voltando a um ritmo regular de publicação, os *Estudos* procurarão atentar no significado cumprido e no legado por cumprir do Concílio Vaticano II – não segundo qualquer hermenêutica da descontinuidade e da ruptura, mas segundo «a hermenêutica da reforma na continuidade», como desde 2005 ensinava Bento XVI. Igualmente procurarão os *Estudos* atentar nas potencialidades e nas exigências do **Ano da Fé**, que são as de uma consciencialização e de uma coerência acrescidas do acto de liberdade e da responsabilidade social que a fé envolve.

Eis-nos perante renovada ocasião de diálogo criativo entre a Fé e a Razão no CADC e nos *Estudos*, especialmente explorando os caminhos diferentes por onde a inteligência da fé e a ciência autêntica tendem, em teleológica convergência, para a verdade (*Porta Fidei*, 12). Eis-nos perante renovada ocasião de diálogo, em paralelo ao Pátio dos Gentios, entre os intelectuais crentes e aqueles que, «embora não reconhecendo em si mesmos o dom da fé, todavia vivem uma busca sincera do sentido último e da verdade definitiva acerca da sua existência e do mundo» (*Porta Fidei*, 10)

Libertados por Cristo, é na inalienável liberdade de consciência rectamente formada que reconhecemos que «da cruz não se abdica», como diria João Paulo II, e que da amorosa evangelização do mundo e da pessoa humana também não. O Papa Francisco veio dar-nos primordiais indicações de que a renovação pastoral – a cuja urgência e primado o movimento conciliar de saber e espiritualidade, alicerçado em grandes escolas teológicas do século XX, profeticamente nos chamou e chama – não implica relativismo doutrinal, mas antes depuradora consideração do essencial da Fé, da Revelação e da Tradição, por si mesma conducente ao desprendimento de sobrestratos discursivos e pragmáticos, de tradições epocais e normativas contextuais, de convenções comportamentais. Com o Papa Francisco, a Igreja – do Vaticano às dioceses e paróquias, dos movimentos e serviços às associações (como o CADC) e às publicações (como os *Estudos*) – há-de conduzir-se, como Jesus menino no Templo, pelo desígnio de unir «uma inovação radical e uma fidelidade igualmente radical» (Bento XVI, *A Infância de Jesus*).

4. Imperativo de sempre para os intelectuais católicos, mas mais lembrado na passagem dos 50 anos do Concílio Vaticano II, é o de ler – querer ler, saber ler – os «sinais dos tempos» e agir em consequência, para realizar a missão evangélica, colhendo a lição dos acertos e erros do Povo de Deus entendido como Humanidade, e para ajudar a Igreja a ser instrumento de Salvação universal, colaborando melhor no plano de Deus para a grande apoteose do Amor e deixando o mundo menos longe da parusia. Como diz hoje John Haugt, o universo, onde prossegue a obra da Criação, e a vida, como drama de transformação, são campos que a divina Providência deixa abertos a novas possibilidades de acção autodeterminada dos seres e da Esperança humana.

Atentando nos **sinais dos tempos** com o discernimento erigido por Cristo (Mateus 16, 1-3), muito temos por fazer no sentido de integrar criativamente «o mundo moderno com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho» - rumo que, convocando o Concílio Vaticano II, João XXIII apontava na *Humanae Salutis*. Mas uma das condições prévias para bem nos empenharmos nessa missão reside em sabermos buscar e acolher, à luz daquele grande concílio pastoral, a presença e a bondade de Deus nesse mundo moderno.

No domínio particular da intelectualidade, talvez mais do que em qualquer outro, esse desígnio implica uma compreensão contextual e dialógica da pluralidade de mediações na comum vocação humana para a Verdade. Como os dias de convocação conciliar, os nossos dias aí estão carentes de «paz entre os povos» e de «justiça social», de renovação permanente tanto do ecumenismo cristão quanto do diálogo, na fidelidade ao Evangelho, com as religiões não-cristãs, com os descrentes agnósticos e ateus.

Apesar da persistência de um *habitat* sociocultural que ignora ou subestima o potencial de conhecimento e de vida que nos espera nos Evangelhos (...e com

que Deus está sempre pronto a vir arrancar-nos ao desânimo), não faltam dados opostos à visão catastrófica da situação do Catolicismo na Europa, nem faltam testemunhos sobre a metanoia e a conversão existencial de tantos espíritos provindos de «uma geração que olhou para a Igreja e para a Fé como uma forma de menoridade, quase de idiotia intelectual», e que por isso deixava de descobrir nos Evangelhos uma fonte diária de energia sábia e de mutação ascensional da vida (como ilustra, por exemplo, o impressionante *Espelho meu* do professor e escritor Gabriel Magalhães).

Os *Estudos* nunca esqueceram a orientação conciliar de reconciliação na liberdade religiosa, nem a confundiram com desistência da cristianização do mundo moderno – com base numa teologia encarnacionista, numa hermenêutica das experiências da fé e no desenvolvimento de uma antropologia humanista que tem Jesus Cristo por modelo. O imperativo que daí decorre, e a abertura de interlocução que ele deve revestir (nos termos do nº 10 da *Porta Fidei*), não implica rasurar, mas pelo contrário tornar pregnante, a centralidade da interrogação amorosa que se move pelo sentido da Verdade: para nós, a pergunta «O que é a Verdade?» não pode ser, como a quis Pilatos, uma escapatória de fuga ao encontro de conversão com Cristo!

Como os *Estudos* reiteradamente assinalaram e agradeceram, a João Paulo II ficámos a dever – além de tantas outras riquezas espirituais! – a libertação da inibição cultural que durante décadas tolhera os católicos. A Bento XVI devemos a luminosa denúncia do relativismo cultural com pretensa fundamentação antropológica e das suas nefandas consequências quanto a padrões de verdade na ética e na axiologia e quanto a uma dimensão transcendente da moral em sociedade humana. A ambos os Papas ficamos a dever também a persistente clarificação das relações entre Fé e Razão (e a subtil explicação dos coeficientes de racionalidade na fé), tal como a desassomburada defesa epistemológica das ciências contra desassidasas recidivas da ideologia do Cientismo (e das suas abusivas incursões nas esferas do conhecimento religioso e moral).

Apraz-nos, aliás, lembrar que nos *Estudos*, em volume que tive o privilégio de entregar pessoalmente ao Papa Emérito no Centro Cultural de Belém, surgiu a primeira versão em português do superior diálogo de Joseph Ratzinger com um dos maiores filósofos contemporâneos, Jürgen Habermas, de onde transparecia inspiradoramente aquilo que agora pensadores como o politólogo J. Rupnik reconhecem: a política deve legitimar-se através da transcendência de «valores éticos e espirituais».

A esse propósito, não custa reconhecer que os *Estudos* têm um caminho a percorrer na senda da lição que, em vésperas do último Natal, Bento XVI difundiu ao mundo, a pedido do *Financial Times*: «Christians without compromises», livres de pactos perversos com o poder e o dinheiro, também nós havemos de acentuar o empenhamento da nossa consciência construtiva e das energias ra-

dicais do Amor cristão perante as difíceis e injustas condições de vida actual – tão necessitada de uma cultura de estruturas públicas que garantam aos cidadãos meios de condigna existência, mas sem os equívocos do Estado como fornecedor dominante de serviços à custa da expropriação (fiscal e outra) dos recursos das famílias e dos indivíduos, tão necessitada da eficácia da razão instrumental na promoção da *riqueza das Nações*, mas não menos carente da piedade e da compaixão que o próprio Adam Smith enaltecia como princípios de direito natural no limiar da sua *Theory of Moral Sentiments*. Daí decorre uma das formas mais prementes, aliás, de agirmos em coerência com o apelo de generosidade e a sageza dos limites que nos vem da relação com Deus «acima dos nossos desenhos» (no dizer de Gonçalo M. Tavares).

Por esse caminho teremos guia seguro no Papa Francisco, tão vigoroso paladino da partilha sócio-política dos bens (económicos e simbólicos) quanto desassombrado mestre na compreensão cristã de que essa partilha, em lugar de forçada pelo ressentimento social e visada pelo conflito vingador, há-de integrar-se na caminhada fraterna para a comunhão no Bem divino - ao qual os homens se elevam não só pela entrega caridosa, mas também através da celebração estética e do conhecimento integrador.

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA